

OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA THE CHALLENGES OF POST-PANDEMIC LITERACY

Dryeli Yasmin de Santana de Mattos – Marcio da Silva Meira Caldas

Graduandos do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Jose.

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Mestre em Educação pela UERJ

RESUMO

Este artigo analisa os impactos da pandemia da Covid-19 no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa adota abordagem mista, com revisão bibliográfica, aplicação de questionário estruturado e entrevistas semiestruturadas com profissionais da educação da rede pública. Os resultados indicam defasagens significativas no desenvolvimento da leitura e escrita, com destaque para a desmotivação, baixa concentração dos alunos e desafios no uso das tecnologias por professores e famílias. Constatou-se que, mesmo após o retorno às aulas presenciais, os efeitos da pandemia permanecem visíveis. As principais estratégias adotadas para mitigar essas dificuldades envolvem atividades diferenciadas, uso pedagógico das tecnologias e necessidade de formação continuada docente. Conclui-se que a superação das lacunas requer políticas educacionais eficazes, valorização dos profissionais e fortalecimento da relação escola-família.

Palavras-chave: alfabetização, pandemia, ensino remoto, aprendizagem, políticas educacionais.

ABSTRACT

This article analyzes the impacts of the Covid-19 pandemic on the literacy process in the early years of elementary school. The research adopts a mixed-methods approach, combining bibliographic review, structured questionnaires, and semi-structured interviews with public school education professionals. The results indicate significant setbacks in reading and writing development, highlighting student demotivation, low concentration, and challenges in using digital technologies by teachers and families. Even after the return to face-to-face classes, the effects of the pandemic remain evident. The main strategies adopted to address these challenges include differentiated activities, pedagogical use of technologies, and the need for continued teacher training. The study concludes that overcoming these gaps requires effective educational policies, the valorization of professionals, and the strengthening of the school-family relationship.

Keywords: literacy, pandemic, remote learning, learning, educational policies.

INTRODUÇÃO

No início de 2020, o Brasil e o mundo vivenciaram o que pode ser descrito como "o dia em que a Terra parou", parafraseando a canção de Raul Seixas (1977). Em 13 de março de 2020, devido à pandemia da Covid-19, atividades rotineiras foram abruptamente interrompidas, deixando shoppings, empresas, escolas e ruas vazias. A Covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, caracterizada por sua alta transmissibilidade e potencial gravidade, rapidamente se espalhou globalmente, causando um caos sem precedentes. O nome covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados (FIOCRUZ, 2021).

A pandemia trouxe à tona desafios para os quais as escolas e os professores não estavam preparados, particularmente, no que se refere à implementação emergencial do ensino a distância – EAD (GARCIA et. al., 2020). O modelo de ensino remoto, que era pouco explorado em muitos contextos educacionais, tornou-se obrigatório e acessível para diversos públicos, mesmo sem uma infraestrutura adequada em muitas regiões do Brasil. Segundo Marin (2020, p. 21), "a pandemia da Covid-19 obrigou as escolas a adotarem o ensino remoto de forma abrupta, sem que houvesse preparação adequada tanto de docentes quanto de alunos para essa nova modalidade de ensino".

Com o avanço da vacinação e o retorno gradual às aulas presenciais, observou-se os impactos negativos do distanciamento social, especialmente na área educacional. A interrupção prolongada da rotina escolar contribuiu para defasagens no processo de ensino-aprendizagem. Alunos de diversas séries apresentaram atrasos em relação ao conteúdo esperado, com dificuldades significativas para realizar as atividades pedagógicas propostas. Essa situação revela a importância do professor na mediação do conhecimento e no desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como da rotina escolar estruturada, fatores que são fundamentais para o sucesso do processo educacional.

O impacto da pandemia no ensino foi profundo. A socialização entre os alunos, a interação direta com os professores e a estrutura da rotina escolar — como acordar e se preparar para ir à escola — foram interrompidas, afetando diretamente o aprendizado. Vygotsky (1987b) já defendia que o processo de aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas sim em um contexto social. A interação com o professor e com outros alunos é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois promove a internalização de conhecimentos e a construção de novos saberes.

Além disso, estudiosos como Freire (1996) apontam que a educação deve ser um processo dialógico, no qual a interação entre aluno e professor desempenha um papel central na construção do conhecimento. A pandemia, ao forçar o ensino remoto, rompeu essa interação fundamental, prejudicando, não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas, também, o emocional e social dos alunos. Como destacou Bastos (2021, p. 33), "a ausência de interação presencial entre alunos e professores afetou profundamente o desenvolvimento das crianças, especialmente aquelas em fase de alfabetização, que necessitam de um acompanhamento mais próximo e contínuo".

Analisando o desenvolvimento das turmas nos anos letivos subsequentes ao período de isolamento, fica evidente o impacto que a pandemia teve sobre a forma como os alunos aprendem. A quebra da rotina escolar e a falta de contato direto com colegas e professores comprometeram a aprendizagem, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento educacional. Segundo Gatti (2022, p. 47), "a pandemia expôs desigualdades educacionais e provocou uma lacuna significativa no aprendizado de crianças e jovens, com consequências que ainda estamos mensurando".

A volta às aulas presenciais, embora um alento, revela o quanto a escola e a presença do professor são insubstituíveis no processo de ensino-aprendizagem. O papel do educador como mediador, facilitador e organizador do conhecimento vai além do conteúdo a ser ensinado. Ele também está ligado à criação de um ambiente que favoreça a aprendizagem, à motivação e ao suporte emocional dos alunos — aspectos que, durante a pandemia, foram gravemente afetados.

Deste modo, o objetivo geral deste estudo é analisar o impacto que a pandemia causou no processo de alfabetização nos anos iniciais.

E, como objetivos específicos, investigar o desempenho dos alunos que estavam em processo de alfabetização no período da pandemia; identificar as dificuldades encontradas pelos professores alfabetizadores naquele período; e elencar estratégias para capacitação de professores para recuperação dos alunos com dificuldades no processo de alfabetização em virtude do período pandêmico.

O interesse para o desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da experiência destes pesquisadores como estagiários na rede pública municipal de ensino e como auxiliar de turma, em que foi possível observar o desempenho dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental nos dias de hoje, além do nível de alfabetização neste período pós-pandêmico, em que surgem com defasagem de aprendizagem e não conseguem acompanhar as atividades, sendo esta a justificativa defendida.

Isso acaba por desestimular as crianças, uma vez que foram excessivamente expostas às telas no período da pandemia, acostumando-se a dinamicidade e ludicidade as quais tiveram acesso, com variedades de opções e cores, no qual apenas através de um toque têm acesso a um mundo de possibilidades, acabando por ser mais interessante do que o folhear a página de um livro.

Sabendo que, hoje, as crianças têm grande acesso ao uso de telas e não focam nas atividades por muito tempo, esse artigo buscará, também, metodologias que envolvam dinâmicas, mostrando que o processo de alfabetização pode ser integrado com o de letramento, o que facilita o processo de aprendizagem e aumenta o desenvolvimento dos alunos.

Possui, também, o objetivo de preparar os professores para agir diante o cenário atual, mostrando quais estratégias podem ser utilizadas para resgatar esses alunos e reparar os problemas gerados. Diante do cenário de atraso da alfabetização e a forma com que ele impacta na sociedade e ainda mais na sala de aula e na vida dos alunos, foi escolhido este tema para auxiliar e amparar os professores, alunos e a sociedade.

Contudo, um caso a se pensar é na implementação de tecnologias na sala de aula, uma vez que ela já está enraizada nessa geração e, conseqüentemente, nas gerações futuras, não nos cabe mais fechar os olhos e agir como se ela não existisse. Utilizar as tecnologias a favor da educação e do ensino significativo para que não se

torne apenas uma “memorização” e sim um aprendizado para toda a vida, sendo esta hipótese a ser defendida.

A pesquisa proposta é de natureza qualitativa, com foco em entender as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização durante e após a pandemia da Covid-19. Segundo Minayo (2014), o método qualitativo é adequado para investigações que buscam compreender fenômenos sociais complexos a partir das percepções e significados atribuídos pelos indivíduos. Neste caso, o estudo busca explorar as percepções de professores e alunos, além de considerar as condições socioeconômicas que impactaram o ensino no período pandêmico. A pesquisa qualitativa permite uma investigação profunda dessas experiências, possibilitando uma análise detalhada das vivências dos participantes envolvidos.

Optou-se por uma abordagem bibliográfica e exploratória, pois, de acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é fundamental para a revisão da literatura existente sobre alfabetização, letramento e os impactos do ensino remoto. Já a pesquisa exploratória permitirá a identificação de novas estratégias e práticas pedagógicas que podem mitigar os efeitos negativos identificados no processo de alfabetização durante a pandemia. Assim, a revisão de literatura fornecerá um embasamento teórico, enquanto a abordagem exploratória guiará a investigação de possíveis soluções pedagógicas.

Um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados serão entrevistas semiestruturadas com professores alfabetizadores que atuaram durante a pandemia. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é uma técnica adequada para coletar dados qualitativos, pois permite flexibilidade nas respostas e uma profundidade de análise sobre as experiências dos participantes. Essas entrevistas serão essenciais para compreender as dificuldades encontradas no processo de alfabetização remoto e as estratégias adotadas pelos professores para superar esses desafios.

Além das entrevistas, o projeto fará uso da análise de documentos oficiais, como relatórios de desempenho escolar e políticas públicas voltadas à alfabetização pós-pandemia. Documentos como o Relatório Alfabetiza Brasil (INEP, 2023) serão analisados, uma vez que fornecem informações detalhadas sobre a situação da alfabetização durante e após o período pandêmico. O uso de documentos oficiais

complementará os dados das entrevistas, oferecendo uma visão macro sobre o contexto da alfabetização no Brasil.

A análise dos dados será realizada por meio da análise de conteúdo, conforme sugerido por Bardin (2011). A análise de conteúdo é uma técnica que permite a identificação de categorias temáticas relevantes, possibilitando a interpretação das informações qualitativas obtidas nas entrevistas e documentos. Nesse caso, serão identificadas categorias relacionadas às principais dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos, como o uso da tecnologia, o acesso desigual aos recursos educacionais e o impacto emocional do distanciamento social na aprendizagem.

A pesquisa será realizada em escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, focando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente em turmas de alfabetização. A escolha desse recorte geográfico e de público-alvo justifica-se pela relevância do contexto socioeconômico da cidade, que apresentou grandes desafios no ensino remoto devido à desigualdade de acesso à tecnologia e infraestrutura educacional, como apontado em estudos de Silva et al. (2021).

Por fim, a pesquisa busca não apenas investigar os impactos da pandemia na alfabetização, mas também propor estratégias que possam ser utilizadas pelos professores para mitigar o atraso educacional causado pela crise sanitária. O estudo visa contribuir com soluções práticas para a capacitação dos professores e a recuperação do aprendizado perdido durante o período pandêmico, apoiando-se em teorias e práticas pedagógicas contemporâneas que consideram o contexto pós-pandêmico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o período pandêmico, vimos a ascensão tecnológica sendo estimulada para que não fossem comprometidos o ensino e a aprendizagem de inúmeros alunos, porém, os alunos e, principalmente os professores, não haviam sido preparados para o uso repentino dessa “nova” forma de ensinar e aprender. Devemos levar em consideração, também, a questão de acesso por partes dos alunos, em que sabemos

que não são todos que possuem suporte monetário e afetivo, propiciando ainda mais para a questão do desestímulo na confecção de atividades.

Com o uso efetivo, então, das tecnologias, vimos nascendo outro desafio: o de transformar os materiais e objetivos recebidos em um material didático que atingisse os alunos, mesmo que muitos educadores ainda não obtivessem a noção de como manusear as diversas plataformas e funções dos portais online disponibilizados. “Não é de pensar que a tecnologia é a panaceia para solucionar todos os problemas de aprendizagem. Tecnologia é meio... capaz de acelerar o emprego da tecnologia na educação” (SENHORAS, 2020, p. 34)

Freire (1996) ressalta sobre como o professor cativa o aluno a pensar, a fazer com que ele entenda o que quis ser dito, acender a mente do aluno de forma que consiga assimilar a mensagem passada. Em suas palavras, “O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (FREIRE, 1996, p. 96). Mas, como fazer isso estando do outro lado de uma tela? Com o ganho da tecnologia, vimos as relações sociais caindo e o desenvolvimento do vínculo professor-aluno sendo reduzido, já que não era mais realizado o ato rotineiro de chegada à escola, café da manhã, formar e subir para a sala iniciando assim as atividades diárias.

Desta forma, professores e alunos observaram o chamando “ensino remoto emergencial” surgir e mudar totalmente a realidade e a forma interativa educacional como nunca visto antes. A pressão da sociedade exibia o desespero e o medo do que estava por vir, “e agora? Como ficará o ensino”, “quais medidas serão tomadas?”, perguntas, especulações e cobranças foram se proliferando.

Um estudo feito por Elida Oliveira do site G1 aponta que 90% dos professores entrevistados disseram não terem experiência com aulas remotas, apenas afirmando como foi desafiador e preocupante a ação educacional durante a pandemia. Uma pesquisa sobre o trabalho dos professores da rede pública durante a pandemia, a qual o G1 teve acesso, aponta que 89% não tinha experiência anterior à pandemia para dar aulas remotas – e 42% dos entrevistados afirmam que seguem sem treinamento, aprendendo tudo por conta própria. Para 21%, é difícil ou muito difícil lidar com tecnologias digitais (OLIVEIRA, 2020).

A chamada TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) expôs a falta de investimento que não foi dado aos educadores, acarretando o “eu não sei”, “é muito difícil” em um momento que essas falas não deveriam mais se encaixar nesse contexto. Manuel Castells (2015) dispõe sobre a influência no uso das tecnologias no mundo atual de forma que ela seja um meio para enriquecimento crítico facilitador, tanto no acesso quando nas inúmeras possibilidades de argumentação e aprendizado que ela pode oferecer aos alunos, uma vez que são guiados por professores, conseguindo, dessa forma, explorar o máximo dos discentes. Segundo Castells, “Um país educado com internet progride. Um país sem educação utiliza a internet para fazer “estupidez”. Isso a internet não pode resolver, isso só pode ser resolvido pelo sistema educacional” (CASTELLS, 2015).

Uma pesquisa realizada pela Alfabetiza Brasil, no ano de 2021, mostra que apenas quatro em cada dez crianças do 2º ano do Ensino Fundamental estavam alfabetizadas naquele ano. A dura e triste exposição de resultados que reafirmam o papel imprescindível que a escola tem na sociedade, juntamente com todos os profissionais que atuam na área da educação. A escola, por ser um ambiente físico, com rotina, deveres e direitos dos alunos, é capaz de empenhar e impulsionar os alunos a caminhar, obtendo apoio da direção, de professores, coordenadores, agentes de limpeza, cozinheiras e demais profissionais que ali trabalham e de alguma forma mudam a realidade das crianças.

De acordo com a pesquisa Alfabetiza Brasil, esse dado é ainda mais preocupante quando comparado ao de 2019, no qual seis em cada dez eram alfabetizadas. Um fator importante entre os dois dados foi a pandemia de covid-19. “Esses dados preocupantes mostram o papel fundamental da escola pública no processo de ensino e aprendizagem da escrita” (PIETRI, 2024).

Quando Manuel Castells (2015) fala que acredita que a tecnologia é capaz de transformar o meio social como um todo e que basta disponibilizar recursos que consigam suportar a todos que a procuram, ele fala também sobre o investimento que deveria ser dado, mas é negligenciado, visto que as leis que garantem a permanência, alimentação, inclusão, liberdade de expressão, socialização, respeito e muitos outros direitos não são cumpridos. Desenvolvendo, então, um desleixo, um abandono com o

futuro de milhares de alunos que muitas das vezes por falta desse suporte não conseguem alcançar seus objetivos.

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar” (SOARES, 2020).

Dando início a questão direta da alfabetização, é possível perceber que, antes da pandemia, já havia um problema nessa área e com a pandemia tivemos esse quadro agravado. Magda Soares – referência quando o assunto é alfabetização e letramento – demonstrou preocupação a partir do momento em que foi cogitado e afirmado que os alunos precisariam fazer uma pausa no ensino presencial, já prevendo como os mesmos seriam gravemente atingidos. Soares (2020) discute sobre a importância da chamada interação “alfabetizadora-criança”, na qual há o contato direto e físico da pessoa que alfabetiza e do aluno, onde a sala de aula se mostra um local inseparável e insubstituível para os alunos. Com a quebra dessa jornada compartilhada, temos também a interrupção de outro momento importante que é quando a criança começa a se inserir na cultura escolar, nas relações de convívio com os outros, rotinas, momentos no qual formam aquele aluno para toda a vida. De acordo com Vygotsky,

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (1987, p. 37).

Como pode ser visto na citação acima, Vygotsky (1987a, p. 37) fala exatamente sobre a fase da criança trabalhar sua relação interpessoal, estando na escola que é o ambiente que desenvolve simultâneas habilidades da criança. Onde aflora a criatividade, a fantasia, a construção de laços poderosíssimos que precisam acontecer de forma que auxiliem inteiramente na formação daquele ser. Na construção de atitudes por meio da fala, gestos, expressões a serem trabalhadas. E no momento que chega à

pandemia, é criada uma grande muralha que separa o aluno dessa fase que se faz imprescindível para a formação do mesmo como cidadão interventor na sociedade e os demais que nela estão inseridos. Nas palavras de Freire,

A aprendizagem não ocorre pela simples transmissão de algo que está fora. A aprendizagem é um fenômeno interpretativo da realidade e que requer o ato de construir e reconstruir a todo instante. A aprendizagem não pode ser comparada à reprodução da realidade ou à passividade (1996, p. 35).

Freire (1996) também relata sobre a importância de estar em um meio que seja possível haver uma troca de informações e aprendizagens, a forma que a aprendizagem com seus pares é importante e muito mais prazerosa, pois possibilita desenvolver habilidades que não seriam desenvolvidas se aprendêssemos isolados uns dos outros. Reiterava a importância de saber em que contexto social a comunidade está inserida, especialmente as crianças, já que elas seriam o alvo mais afetado. A aprendizagem ser significativa, de ter relação com o dia a dia deles para que pudessem ativamente ver isso em sua volta e despertar a noção de que suas ações têm impacto no local que estão inseridos.

Bernadete Gatti (2021), em uma live, falou sobre como o conhecimento pode ser um fator determinante na desigualdade social, uma vez que o conhecimento muda a realidade das pessoas e possibilita uma melhor qualidade de vida. Que desenvolvemos consciência, pensamento crítico, valores. Dessa forma, podemos refletir sobre o meio em que estamos, sobre uns terem tudo e outros nada, sobre a questão do acesso de qualidade e os que nem acesso têm. Ações que impactam e implicam em um serviço que por lei deveria ser igualitário e ter suporte para todo tipo de cidadão. Segundo Gatti, “Porque conhecimento é um dos determinantes de desigualdade social, é um princípio diferenciador de pessoas e grupos, favorece hoje a dominação por não estar disseminado de maneira equitativa entre os diferentes segmentos sociais” (2021).

No mesmo momento em que as escolas são fechadas, muitos responsáveis começam a partir para outro método de trabalho que até então não se era tão comentado, o chamado “home office” que significa trabalho remoto, tendo que conciliar então entre os afazeres domésticos, trabalho e a agora educação direta com seus próprios filhos. E, a partir daí, podemos ver também outra questão surgindo, já que, em muitos casos, os responsáveis e os alunos compartilhavam o mesmo dispositivo para

fazerem seus afazeres, se em uma casa residem três, quatro ou mais crianças, como ficou a situação? Como o responsável deu conta de realizar com qualidade as tarefas de cada uma das crianças em seus diferentes momentos e particularidades? Todas essas questões intensificam desafios que por si só já são muito difíceis de serem enfrentados.

Segundo Magda Soares (2020), “Os pais estão se descobrindo em um novo papel, para o qual não foram preparados. Daí a importância de os professores orientarem também os pais para apoiar a criança na aprendizagem a distância”. Com isso, é possível entender que, agora, os pais possuem uma responsabilidade que nunca tiveram antes e, de uma hora para outra, se tornaram os educadores de seus próprios filhos. E, para os professores, entra mais um compromisso, o de auxiliar, não só o aluno, mas seus responsáveis também.

DESENVOLVIMENTO

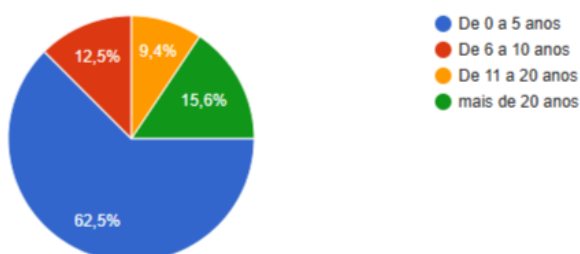
O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado por meio de uma abordagem quantitativa, utilizando como instrumento um questionário elaborado na plataforma Google Forms. O questionário será estruturado de forma simples e acessível, com o intuito de alcançar o maior número possível de participantes. O público-alvo inclui professores, pedagogos e agentes de educação envolvidos diretamente no processo de alfabetização, tanto antes quanto após a pandemia. A plataforma também permitirá a geração automática de gráficos a partir das respostas obtidas, facilitando a análise dos dados.

A pesquisa terá como tema “Os desafios da alfabetização pós-pandemia” e visa compreender os principais obstáculos enfrentados no processo de alfabetização após esse período crítico, bem como identificar estratégias e necessidades dos profissionais da educação para superar as defasagens observadas. O questionário será composto por 11 perguntas, sendo 6 de múltipla escolha, 4 com caixas de seleção e 1 de caráter discursivo.

Quanto ao tempo de magistério, a pesquisa conseguiu atingir as diversas bagagens dos participantes, boa parte entre 0 a 5 anos, e acima de 10% os que têm “de 6 a 10” e “mais de 20”, conforme pode ser constatado no Gráfico a seguir. Com essa informação podemos entender que chegamos em vários níveis de experiência no processo ativo de educação e alfabetização. Isso posteriormente mostrará o que e como eles sentem a repercussão das voltas às aulas após a fase remota.

1- Quanto tempo de magistério possui?

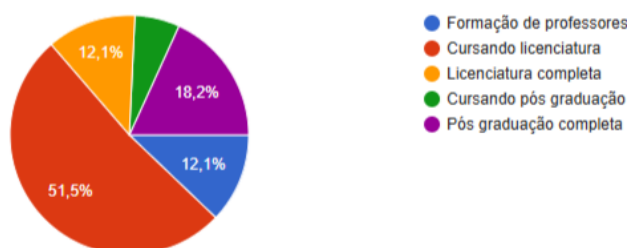
32 respostas



Quanto a formação, boa parte dos participantes cursa licenciatura e consegue, desde já, analisar os impactos deixados por um dos eventos mais recentes e catastróficos, eles já se veem com a mão na massa para recuperar os alunos que, por diversos motivos, não conseguiram acompanhar as atividades disponíveis de forma virtual.

2- Qual sua formação?

33 respostas

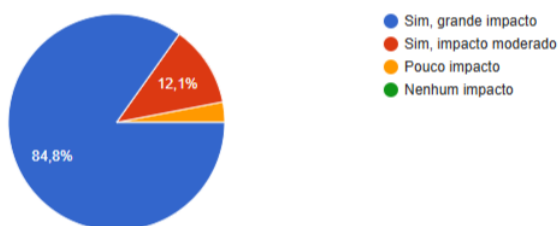


Quanto à percepção no impacto na alfabetização dos alunos após o período de ensino remoto, como pode ser constatado no próximo Gráfico, 84,8% dos participantes

afirmam veementemente que sentiram uma força maior para poder dar continuidade ao processo de alfabetização dos alunos após o período remoto, em que os mesmos voltam com muito mais dificuldades, falta de atenção, dificuldades para assimilar informações e demais problemáticas. Bastos (2021) destaca que a alfabetização é um momento crucial, que necessita fortemente dos profissionais de educação mais de perto, com um acompanhamento mais próximo afim de promover a perfeita assimilação das informações a serem passadas, de modo que não haja discordância no processo de alfabetização.

3- Você percebeu impacto na alfabetização dos alunos após o período de ensino remoto?

33 respostas



Quanto ao sentimento na ocasião do anúncio da necessidade da implantação da modalidade de ensino remoto, de acordo com o Gráfico a seguir, todos os respondentes sentiram-se inseguros.

4- Como você se sentiu quando foi anunciada a modalidade de ensino remoto?

1 resposta

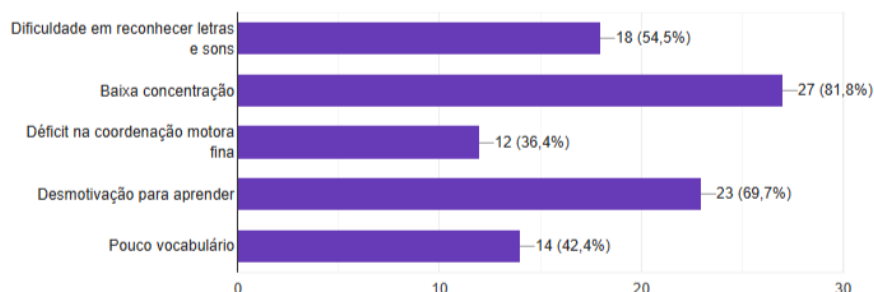


Sabe-se o quão desafiador foi a implementação do modelo de ensino remoto durante a pandemia, além da maioria dos docentes não terem domínio das tecnologias, alguns não tinham sequer dispositivos que fossem de boa performance. Assim como a insegurança no manuseio e a falta de dispositivos de qualidade do lado dos agentes de educação, enfatizamos também que da parte discente não havia se quer conexão com a internet, e quando havia enfrentavam também a dificuldade de obter um dispositivo de qualidade e/ou dividir um único dispositivo para mais de 3 pessoas (dependendo da família). Bernadete Gatti (2022) e Silva et al. (2021) discorrem fortemente sobre como as questões sociais implicaram e divergiram com a forma de ensino que foi imposta, deixando ainda mais explícita a desigualdade social existente até hoje em nossa sociedade, apenas reafirmando que essa é uma problemática atemporal.

No que diz respeito às dificuldades observadas com mais frequência nos alunos alfabetizando pós-pandemia, ao observar o próximo gráfico, vemos que são líderes os tópicos “baixa concentração” e “desmotivação para aprender”, ambos estão interligados já que, se você não consegue se concentrar e entender a atividade (provavelmente pelo fato de que a pandemia quebrou a rotina e ao hábito de realizar as atividades em sala com o apoio docente) logo, se sente desmotivado e não realiza outras atividades com aproveitamento, perdendo a vontade de aprender e separando ainda mais o aluno do aprendizado. Podemos enfatizar também que o uso exacerbado de telas por ser uma janela de infinitos conteúdos pode ter ajudado na falta de concentração, que disponibiliza muitas opções que podem ser trocadas quando e quantas vezes a criança quiser, não conseguindo focar em um específico.

5- Quais dificuldades você observou com mais frequência nos alunos alfabetizando pós-pandemia?

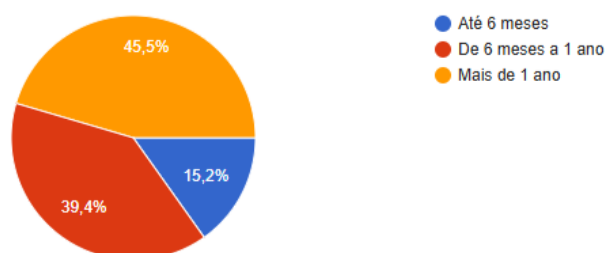
33 respostas



Quando indagados quanto ao tempo aproximado em que os alunos conseguiram atingir o nível esperado de alfabetização após o retorno presencial, ao juntarmos os resultados laranja e azul, do Gráfico a seguir, conseguimos obter 88,9%, dos respondentes, no qual observamos que parte das crianças levaram 6 meses a 1 ano ou mais de 1 ano para atingirem o nível esperado de alfabetização. Mostrando a quão séria e crítica é a situação das mesmas, que tendem a avançar as séries com lacunas a serem preenchidas e que, na maioria das vezes, continuará vazia pelo simples fato de que o momento de aprender aquele conteúdo já passou. Vygotsky (1987) e Freire (1996) expõem a importância da sala de aula, da rotina, da relação do professor com o aluno, da escola com a família, de tudo aquilo que foi reduzido durante o período pandêmico e que agora assola as habilidades de alunos das redes escolares.

6 - Em quanto tempo, aproximadamente, os alunos conseguiram atingir o nível esperado de alfabetização após o retorno presencial?

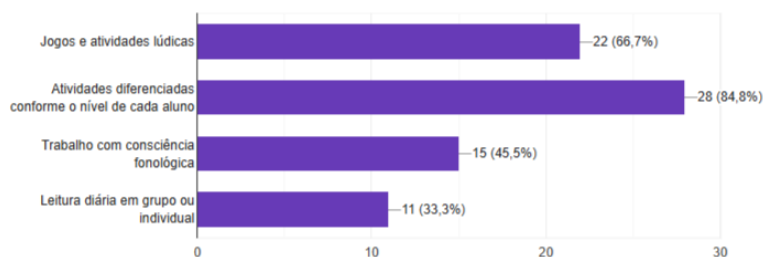
33 respostas



Quanto às estratégias utilizadas para lidar com os desafios da alfabetização pós-pandemia, a opção “Atividades diferenciadas conforme o nível de cada aluno” obteve quase 85% (84,8). Refletimos sobre a maneira encontrada pelos educadores de se desdobrarem para fazer o público entender de acordo com seu nível. Tendo o trabalho de diagnosticar, entender e selecionar os conteúdos e atividades individualmente para uma turma onde não são todos os alunos que estão no mesmo nível. Sabemos que ocorre dessa questão acontecer, mas no momento, em uma turma podem existir vários níveis de conhecimento, daquele que está muito atrasado, do que está no momento certo e do que está avançado.

7- Que estratégias você utilizou para lidar com os desafios da alfabetização pós-pandemia?

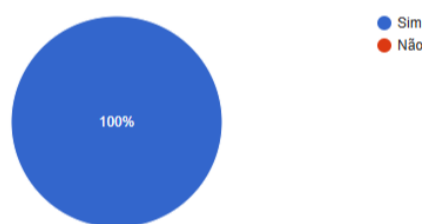
33 respostas



Quando indagados se os efeitos da pandemia na alfabetização ainda são visíveis atualmente, todos os participantes compartilham da ideia de que, mesmo após 4 anos desse infeliz evento, nossos discentes continuam com inúmeras dificuldades que acabam sendo “passadas para frente” já que o nível em que estão agora demanda outras necessidades, mas como realizar as demandas do momento se não sabem o básico? Se aquilo que foi deixado para, provavelmente seria a solução para os desafios de agora?

8- Na sua opinião, os efeitos da pandemia na alfabetização ainda são visíveis atualmente?

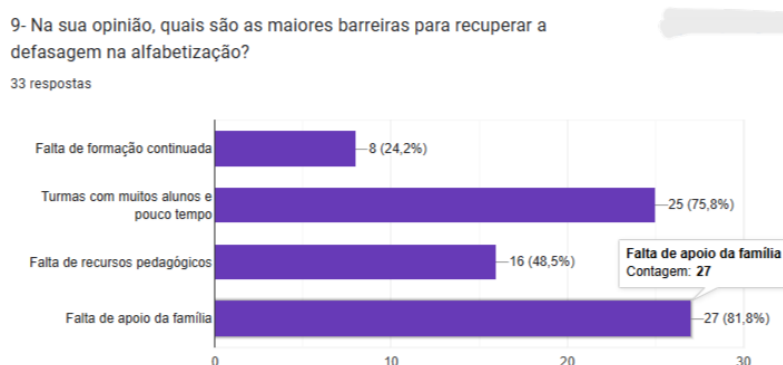
32 respostas



Quanto ao entendimento sobre quais foram as maiores barreiras para recuperar a defasagem na alfabetização, através do gráfico, notamos claramente o quanto o suporte familiar faz diferença durante a fase escolar, conforme pode ser confirmado com a resposta a seguir: “Muitos professores estão capacitados, mas enfrentam obstáculos quanto ao suporte familiar (sic)” (Respondente nº 4).

Magda Soares (2020) abordou que os pais se viram em uma postura totalmente diferente, em que eles eram encarregados de transmitir o ensino e conhecimento aos seus próprios filhos, estando preparados ou não. No momento da carência em que as

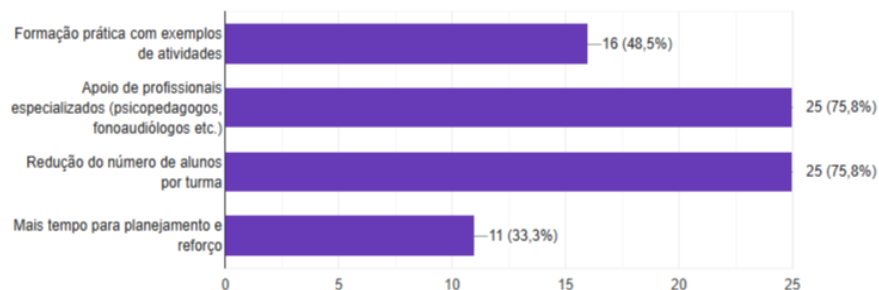
crianças estavam longe das salas, a família pegou a responsabilidade de desenvolver habilidades e sanar quaisquer dúvidas que aquele indivíduo possuía. A relação que envolve a escola, aluno, família, sociedade, é a que impulsiona a aprendizagem, de forma que as crianças se sintam importantes e autônomas. Quando o vínculo é quebrado, o ponto central que mais sente a perda é a própria criança, em que não vê motivo para a atividade que está sendo realizada, o porquê, a finalidade, tendo então a atitude de se negar a fazer ou fazer de maneira em que não esteja envolvida o suficiente para realizá-la de forma que entenda a importância da atividade e em que ela pode acarretar na sua vida.



Quanto ao tipo de apoio que acreditavam ser mais útil para enfrentar os desafios atuais na alfabetização, as opções “Apoio de profissionais especializados” e “Redução de números de alunos por turma” tiveram maior quantidade de votos, sendo assim, enxergamos que os docentes sentem falta de uma de apoio maior referente aos desafios já enfrentados nos últimos tempos. Não se pode fechar os olhos e negligenciar o pedido de socorro que os atuantes em sala de aula fazem, tanto em questão de rede de apoio amplificada quando em quantidade de alunos por turma. Uma turma que possui muitos alunos faz com que o (a) regente não consiga dar suporte a todos que precisam, podendo acarretar frustração, sobrecarga e desistência sobre o papel exercido. Além de que os alunos tenham que voltar com duas dúvidas para casa, sendo criadas barreiras no ensino.

10- Que tipo de apoio você acredita que seria mais útil para enfrentar os desafios atuais na alfabetização?

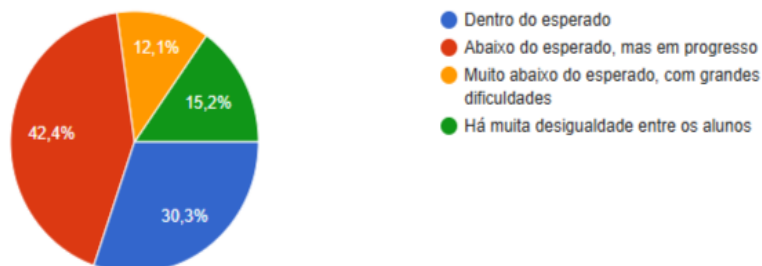
33 respostas



No que se refere ao nível atual de alfabetização da turma dos respondentes, a falta de preparo está fazendo parte integral da frustração de professores no qual se veem sem o suporte necessário para sanar as novas necessidades dos alunos. Com a criação de cursos de atualização focados exclusivamente na alfabetização, levando em consideração o novo olhar dos docentes e da realidade dos alunos, trabalhando casos reais vivenciados pelos mesmos de maneira que reflitam sobre quais atitudes podem e devem ser tomadas, o que fazer diante de situações problema. A proposta a ser desenvolvida busca qualificar, amparar e preparar os profissionais ativos em sala de aula, capacitando-os, além de possibilitar a troca de experiências e vivências entre profissionais da mesma área, o que certamente enriquece a postura dos mesmos e cria um ambiente que possam expressar suas visões.

11- Como você descreveria o nível atual de alfabetização da sua turma?

33 respostas

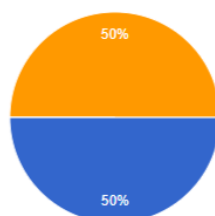


No que diz respeito à tecnologia como aliada na relação ensino-aprendizagem, observamos que Manuel Castells (2015) aborda totalmente a visão no qual a tecnologia

está inserida em todas as ações que fazemos no nosso dia a dia, rotina, trabalho, lazer etc. O uso do recurso deve ser significativo com foco no uso correto para máximo aproveitamento. Uma frase muito poderosa utilizada por Castells (2015) é a que “Um país educado com internet progride. Um país sem educação utiliza a internet para fazer “estupidez”. O peso, a seriedade e a importância que o autor entrega em sua fala é a de um estudioso preocupado com a forma que, nos dias atuais, a sociedade enxerga esse meio de aprendizado. Mesmo sabendo que ela abre portas e possibilidades para todos que a conseguem manusear. Como foi dito, a tecnologia faz parte da nossa sociedade, devemos conduzir com foco em desenvolver nossos alunos de maneira com que sintam novamente gosto em aprender. Não falamos sobre substituir 100% os métodos de hoje e colocar nas salas de aula apenas recursos eletrônicos, mas reformular o direcionamento tecnológico e a maneira que é condicionado.

13- Você acha que a tecnologia pode se tornar aliada na relação ensino-aprendizagem?

4 respostas



● Sim.
● Não.
● Varia de acordo com o método a ser utilizada.

Quando solicitados pontos positivos e negativos no qual os recursos tecnológicos supervisionados ajudariam no processo de alfabetização de alunos, coletamos algumas respostas que podemos destacar:

“Ponto positivo, jogos lúdicos como aliados. Ponto negativo, vício (sic)” (Respondente nº 6).

“Chamaria mais atenção dos alunos na participação das aulas, mas o excesso do uso pode atrapalhar (sic)” (Respondente nº 8).

“A tecnologia é necessária, porém precisa ser bem estruturada juntamente de sua utilização (sic)” (Respondente nº 12).

Manuel Castells (2015) expõe a ideia e a importância do uso correto das tecnologias afim de se tornarem aliadas na aprendizagem, visto que as mesmas estão

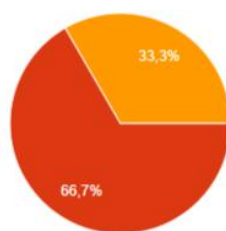
inseridas fortemente na sociedade, tornando mais atrativa a sala de aula. As principais preocupações existentes são quanto ao acesso dos alunos, em que todos tenham a oportunidade de utilizar o recurso poderoso e a didática a ser utilizada para fazer com que seu uso seja eficaz, potente, causando um impacto positivo e consequentemente resultando em aulas mais interessantes, produtivas e prazerosa para os alunos.

Com um olhar ambicioso e promissor, as tecnologias nas salas de aula devem se tornar realidade, inicialmente deveriam ser feitas pesquisas e experiências que envolvessem esse tópico, e após os resultados obtidos, analisar os pontos positivos e negativos do uso da ferramenta em salas. Após isso, testes em salas de aula durante um determinado período, observar a postura da escola, dos alunos e da sociedade com a implementação da ideia.

Quando questionados se estavam preparados para utilizar tecnologias no processo de ensino, os mesmos ficaram entre o “talvez” e o “não”, apenas reforçando que os professores necessitam de um preparo e desenvolvimento virtual maior, de forma que mudem sua postura, melhore seu desempenho com o uso e se sintam úteis e preparados.

15- Você como profissional de educação se sente preparado para utilizar tecnologias no processo de ensino?

3 respostas



- Sim, me sinto preparado.
- Talvez, tenho domínio sobre alguns recursos.
- Não, sinto dificuldade em utilizar recursos digitais.
- Sou contra o uso de recursos digitais, prefiro a forma antiga.

Assim como Marin (2020) abordava, de uma forma muito abrupta foi disponibilizado um novo formato de ensino, o EAD. Naquela época foi um estouro de questionamentos de como seria mantido, como utilizar, quais recursos havia no formato, como usar os recursos entre outras dúvidas, e ainda hoje, o profissional de educação tem dificuldade para manusear e utilizar as tecnologias em ambiente escolar. Se agora os docentes não possuem segurança para utilizar o meio em questão, como

deve ter ficado a mente dos mesmos naquela época, com aquele contexto, vendo suas rotinas, modos de ensinar, de avaliar, de se encontrar com os alunos, sendo totalmente mudadas para um formato até então desconhecido para muitos? Gatti (2022) deixa claro que a desigualdade foi um dos pontos mais fortes no qual o acesso ao ensino de muitos foi interrompido, criando essa distância absurda entre o aluno e o saber. Tanto para o aluno, quanto para o professor, onde muitas vezes também tinham que dividir um dispositivo eletrônico para toda a família que precisava realizar as atividades online. É necessário questionar, as formações disponibilizadas hoje aos docentes estão sendo eficazes nesse ponto? As metas do letramento digital estão sendo atingidas? Sem dúvidas de que se implementarmos cursos no qual ensinamos, disponibilizamos e praticamos o uso de tecnologias para os regentes, podemos mudar a visão de muitos da área sobre as tecnologias. Que ela é nossa aliada e devemos usá-la com consciência e responsabilidade, onde o retorno é grandioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar os impactos da pandemia no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco nas dificuldades enfrentadas por alunos e professores, bem como nas estratégias de superação adotadas no período pós-pandêmico. Os objetivos específicos — investigar o desempenho dos alunos, identificar as dificuldades dos professores e apontar estratégias de capacitação — foram integralmente alcançados por meio da metodologia qualitativa e quantitativa aplicada, com análise bibliográfica, entrevistas e questionários.

A pesquisa revelou que a pandemia provocou uma interrupção abrupta no processo educacional, especialmente no momento crítico da alfabetização, em que a presença e o acompanhamento do professor são essenciais. A ausência da rotina escolar, das interações sociais e do suporte pedagógico presencial causou lacunas significativas no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Mais de 84% dos professores apontaram um agravamento das dificuldades de aprendizagem após o ensino remoto, com destaque para a desmotivação e baixa concentração dos alunos.

Criticamente, observou-se que os principais desafios não se restringiram ao domínio dos conteúdos, mas envolveram limitações metodológicas, falta de preparo tecnológico por parte dos docentes, escasso suporte familiar e desigualdades no acesso a recursos educacionais. Como destaca Lakatos e Marconi (2007), toda pesquisa deve reconhecer seus limites, e neste caso, a maior limitação foi a falta de estrutura das redes públicas para responder de forma eficaz à crise educacional.

Apesar das dificuldades, os dados obtidos apontam para um esforço coletivo dos professores em adaptar suas práticas, utilizando atividades diferenciadas e recursos lúdicos, mesmo diante de turmas heterogêneas. As contribuições da pesquisa se estendem, portanto, à prática pedagógica, ao mostrar que o processo de alfabetização pode e deve ser adaptado ao novo perfil de aluno — mais digital, disperso, mas ainda altamente capaz quando estimulado por estratégias adequadas. Nesse sentido, Freire (1996) reforça que a educação libertadora nasce da escuta sensível e da capacidade do professor em se reinventar.

Como encaminhamento, é fundamental que as redes de ensino invistam na formação continuada dos docentes, com foco em letramento digital, planejamento de atividades individualizadas e uso pedagógico das tecnologias.

Também se faz urgente a redução do número de alunos por sala e a ampliação do suporte multidisciplinar, como reforçado pelos próprios participantes da pesquisa. Para estudos futuros, recomenda-se aprofundar a investigação sobre os efeitos emocionais da pandemia na alfabetização, além de analisar o impacto das tecnologias assistivas e da gamificação no engajamento de alunos com defasagem escolar.

A pesquisa também levanta hipóteses sobre a eficácia de currículos híbridos e flexíveis no pós-pandemia, que merecem ser testadas em campo. Conclui-se, portanto, que a pandemia deixou marcas profundas na educação, mas também abriu caminhos para inovação e reconstrução. O processo de alfabetização exige hoje um olhar mais atento às singularidades dos alunos, à realidade social em que estão inseridos e ao papel do professor como mediador ativo e sensível. A superação das defasagens educacionais será um processo contínuo, mas possível, desde que amparado por políticas públicas eficazes, formação docente adequada e valorização da escola como espaço essencial de desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, L. R. Educação e pandemia: Desafios do ensino remoto no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

CASTELLS, Manuel. Resposta à pergunta Braskem: Tecnologias na Educação. Entrevista concedida a LEMOS, André. 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/manuel-castells-responde-a-pergunta-braskem-tecnologias-na-educacao>. Acesso em 11 out. 2024.

FIOCRUZ. Por que a doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de Covid-19? Fundação Oswaldo Cruz, 7 jun. 2021. Disponível em: [https://fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-](https://fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19#:~:text=Atualizado%20em%2007%2F06%2F2021,primeiros%20casos%20foram%20publicamente%20divulgados)

19#:~:text=Atualizado%20em%2007%2F06%2F2021,primeiros%20casos%20foram%20publicamente%20divulgados. Acesso em: 11 out. 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/qTwMnJqjBbnmnwhCQntp9Fg/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

GATTI, Bernardete A. A formação de professores e a pesquisa educacional. 1 vídeo (ca. 2h 19min). Publicado pelo canal Comunidade FFEUF. LIVE, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cQHFhpf2gqw>. Acesso em: 11 nov. 2024.

_____. Impactos da pandemia na educação: Desigualdades ampliadas. Revista Brasileira de Educação, v. 27, n. 98, 2022. Acesso em: 11 nov. 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Inep publica relatório da pesquisa Alfabetiza Brasil, gov.br. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/alfabetiza-brasil/inep-publica-relatorio-da-pesquisa-alfabetiza-brasil>. Acesso em: 11 out. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica – 4. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Atlas, 2009

MARIN, Andréia. A adoção do ensino remoto e os desafios para a educação brasileira durante a pandemia da Covid-19. Educação e Sociedade, v. 41, n. 151, 2020.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Elida. Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa. G1, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 11 out. 2024

PIETRI, Émerson de. Pandemia foi um marco no contexto da alfabetização de crianças no Brasil. Rádio USP, 15/04/2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/pandemia-foi-um-marco-no-contexto-da-alfabetizacao-de-criancas-no-brasil/> Acesso em: 11 out. 2024.

SEIXAS, Raul. O dia em que a terra parou. In: SEIXAS, Raul. O dia em que a terra parou [CD]. São Paulo: WEA, 1977. 1 disco sonoro (33 min).

SILVA, J. A., et al. Educação e desigualdade no ensino remoto durante a pandemia: desafios no contexto escolar brasileiro. Revista de Educação, 2021.

SENHORAS, Elói Martins. COVID-19: Educação e ótica docente. 76 ed. Boa Vista/RR: UFRR, 2020.

SOARES, Magda. Entrevista concedida a LOBO, Emy. Os Desafios do Contexto da Pandemia. Futura, 2020. Disponível em: <https://futura.frm.org.br/conteudo/professores/noticia/como-fica-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-pandemia>. Acesso em: 11 out. 2024

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987a, p. 37.

VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987b.

.